

2

U T O

DA CRUEL MANJORDA



auto da cruel manjorda mistério medieval em ato único de quatro cenas
por a. s. merdiot

personagens

1. O Conde Mergio, senhor feudal de um loteamento em Aix-La Tordelle, enfêrmo d'amor;
2. Phaunicus, velho sátiro exilado das faldas d' Olimpo;
3. Monica, virgem graminea;
4. As Impuras, côro feminino;
5. As Puras, idem;
6. Ahrius, místico, herdeiro de um tonel, domesticador de iguanas;
7. Lodetta, cariátide fugitiva de um mélope templário do Pireu;
8. Fray Choppell, monge quartífero, vidente, alaudista exímio, proclamador de um credo novo;
9. Três sirís-patola, cortejo de Phaunicus;
10. Iória, diaconisa tupinambá, sem emprêgo, revelação sexual 1964.

Fâmulos, convivas, etc. .

a ç ã o

Principado de Monaco, ano 0 da Era Tordal. Os personagens são asilados políticos. No resto do mundo, os bárbaros de aço, vassallos de uma ideologia industrial, assolam a humanidade. Clima de alta tensão, em face da reconquistada liberdade. Fato histórico: os personagens sofrem, novamente, com prazer.

c e n a i

(Praia alugada pelo Conde Mergio. O Mediterraneo é de intenso sulfureo-gambá. O Conde, saudoso dos plainos feudais, onde exercia livremente o direito da primeira noite, agoniza e alisa a torda vítrea.)

MERGIO - (em tom cavo e comovido)

Cago no mar.
Cago no lar.
Cago no limpo.
Cago no brinco.

(conclusivo)

Tôda ximbica tem trinco.

(Farfalhar d'antúrios. Das verdes sombras do jardim adjacente emerge, caprina, a cabeça auri-gris de Phaunicius.)

PHAUNICIUS - Medita, o Condinho ...
Que triste é o meditar do Condezinho ...

(Sopesando os ovos, morgados em sacão imenso e pendido)

Ah, eu não! ...
De tudo ao meu amor serei fauento antes ...
Spassibo, deuses, pela infinita espera ...

(Surge Monica. Desliza, leve como um nhambú, nas areias alvas. Campaneia as redondezas, cautelosa. Anseia, sim,



o conde mergio, contemplativo

anseia pela oportunidade de um banho-maria em total intimidade. Phaunicus esfrega as mãos, dá um passo à frente, mas reconsidera a presença do Conde e funga, desaparecendo, como surgiu.)

MONICA -

Duro, sus!, é o meu porvir.
Eis que, já, a borboleta agita as asas d'oiro
na competência bizantina da ximbica minha.
Ardência de gralha
é a minha mortalha.

(Súbito, avista o Conde que, convulso, afia pequenos fragmentos de sílex na torda purpurina.)

Valei-me, Augusto Frederico Schmidt! Vade retro,
Michel Quoist! Por todos os sapos, pentelhos de
Zeus! Quem será tão nobre cavaleiro que sôbre as
pedras rola e cruge a rubra torda em riste e de
expressão tão triste?

(Pisca o sol. Eleva-se o côro d'As Impuras.)

AS IMPURAS -

Afastai vosso bouquet do triste Conde.
Secreta é a torda, mas, rija, não se esconde.

(Dentre os galhos frágeis e formosos de um pesseguei
ro, Phaunicus sacode o basto ventre, em risos. Ao
seu balir, já não pisca o sol e acodem As Puras.)

As PURAS -

Perdei-vos, donzela,
até a goela,
sôbre esta torda
augusta e bela.
Ressurgireis
por ela.

(Mergio, que nada ouve, alça os braços, salta, cã
em pontas.)

MERGIO -

Ai, poetas, ai! ... (cantarolando) Ela é carioca ...

MONICA -

(indecisa)

Que faço? Que não faço?
Cedo meu espaço? Mon coeur é d'ação?
Duro é o passo. Foda, é o embaraço.

(Avalia, de visu, o volume da torda condal. Treme. Desvanece-se ante a sensação do infinito. Solo de saxofone-barítono prenuncia o anoitecer. Vem a lua. Para espetar brilhinhos pelo chão.)

fim da cena i

c e n a ii

(Castelo do Conde Mergio, onde um carteadozinho resiste à madrugada. Convivas e fâmulos movimentam-se alegremente. O Conde, contemplando, desde uma 'loggia' sôbre o penhasco, o negro-azul-mandrill do mar, agita-se. Grandes porradas fazem estremecer os portais de massiço jacarandá baiano.)

MERGIO - Ide abrir.
Se é quem espero,
soltai os melros.
Se não é,
trespassai-lhe o cú, a ferros.

(Entra, hirsuto e agreste, o magro vulto de Ahrius. Traz, na mão direita, pesado bordão com que rola vazio tonel. Presa ao punho sinistro, grossa tira de couro que sujeita, pela gorja, enorme iguana, cuja coloração amarelo-caralho faz recuar os presentes.)

AHRIUS - Silêncio, tordários! É Fray Choppell quem se aproxima.

(Sons de alaúde, dulcíssimos.)

É Choppell, meus putos, o salvador;
monge da flor,
cantor do belamor.

(Surge Choppell, envolto em imensa capa de látex, a fronte ornada por corôa de espinhos e pequenos caralhos. Sob as dobras do manto monaçal, espande Lodetta, a liberta dos triglifos. Todas as lâmpadas acusam alta de voltagem. Algumas explodem. O Conde Mergio enraba e estrangula, rapidamente, um fâmulô distraído. Limpa-se. Corre a Choppell. Tropeça e executa os passos delicados de um mimeto floral.)

MERGIO - Reverendo Choppall, a angústia tordal
já encheu o meu bernal.

Onde,
a merenda que se esconde?

LODETTA - (sentando-se)

Sofre o Conde, Fray Choppell.
Mais um Dantas, neste mundo de antas.

(Executa um presto strip-tease.)

MERGIO - Que eu grito!

FRAY CHOPPELL - Cruel é a Manjorda,
essência da torda.
Seja o Conde varonil
e veja a xeréca vil.

MERGIO - Gracias, muchas gracias, Fray Choppell. Sinto que a
torda se m'alegra. Celebremus.

(Bate palmas. Fâmulos. Ordena barris de brâma morna e
distribuição farta de calções largos. Descem para a pra-
ia. E'o banho noturnal.)

fim da cena ii



c e n a i i i

(Praia. Obvio, o mar. Monica, despida, tornozelos resplendentes n'agua, fagulha-se. Recita poetismos que, embora inaudíveis, presume-se provirem da lavra do luso Pessoa.

Na curva de um caminho florido surge o Conde Mergio e o beato Ahrius, em muda discussão, êste sempre a rolar o seu barril, a iguana a fazer de lanternil.

Logo após, Choppell, tangendo o alaúde de floraluminio, e Lodetta, que executa coreografias de Nelson Rodrigues.

Monica sorri e então 'Eu e a Solidão".

Mergio, em falsete, lacrimoso e nobre, responde com 'Garôtá de Ipanema'.

O hábito de Fray Choppell eleva-se, lenta e delicadamente, na parte dianteira.

Risadinhas estrugem de entre as flôres do chemin. Phau nicius góza, amparado por três siris-patola.

A noite se confunde e tosse.

Apoplético, Mergio faz uma exibição de levitação; a tor da é como um cometa. Cósmica.

Fray Choppell inclina fronte e compreende.

Ahrius tem os olhos brilhantes.

Um grito.

Iória, a palmeadora Tupi, nua, sai de sob as ondas. Gar galha. Engasga-se.

Ahrius arremete, búfalo, e crava-lhe a iguana no canteiro pombo-pubiano. Convulsas consultas.

Lodetta baila, dórica.)

MERGIO - Ai! ...

fim da cena i i i



c e n a i v

(Paragens, situações: mesmas)

FRAY CHOPPELL - (impaciente)

Crêde na Manjorda,
fermento da torda.

Crêde no lôrto,
seguro pôrto.

Crêde na flor,
que é o sangue do amor.

(mais calmo)

Crêde na merda,
que a vida é lerda.

MERGIO - Dai-me coragem, Reverendo 'Pell.
Beberei do hidromel?

(Ahrius ruge; Iória apita. Phaunicius cága entre os cascos
dos patolas solícitos.)

FRAY CHOPPELL - (a Lodetta)

Passe o pinho.

(Tange-o.)

LODETTA - (sob um impulso desconhecido, notando a solidez tordal do
santo monge)

T-i-m-b-e-r ! ! !

(Palmeia.)

FRAY CHOPPELL - (baixinho, mas incisivo, vítima també, do mesmo im-
pulso)

Chupe ...

(Ahrius realiza prodígios de equilíbrio: sôbre a testa, man
tém o tonel; bombeia a iguana na gruta tupinambá, enquanto
Iória tromboneia-lhe o tordal apêndice.)

(Phaunicius, no ardor do entusiasmo por tal visão, estupra
um dos patolas. Ri muito e sóbe aos céus. Harpas. Sapatís
são arremessados na platéia.)



ahrius amuncia choppell



MERGIO - (desconsolado, em dúvida, contemplando as nádegas fúlgidas de Monica a chapinhar na areia molhada)

A vida que te morda.
Terei a graça da Cruel Manjorda?

(M)

(Cêro angelorum. Arcanjos, em vôo plácido, zunem pelo palco. Tinir de cristais da Boêmia. Apagam-se os archotes, mui lentamente.

fim do auto da cruel manjorda